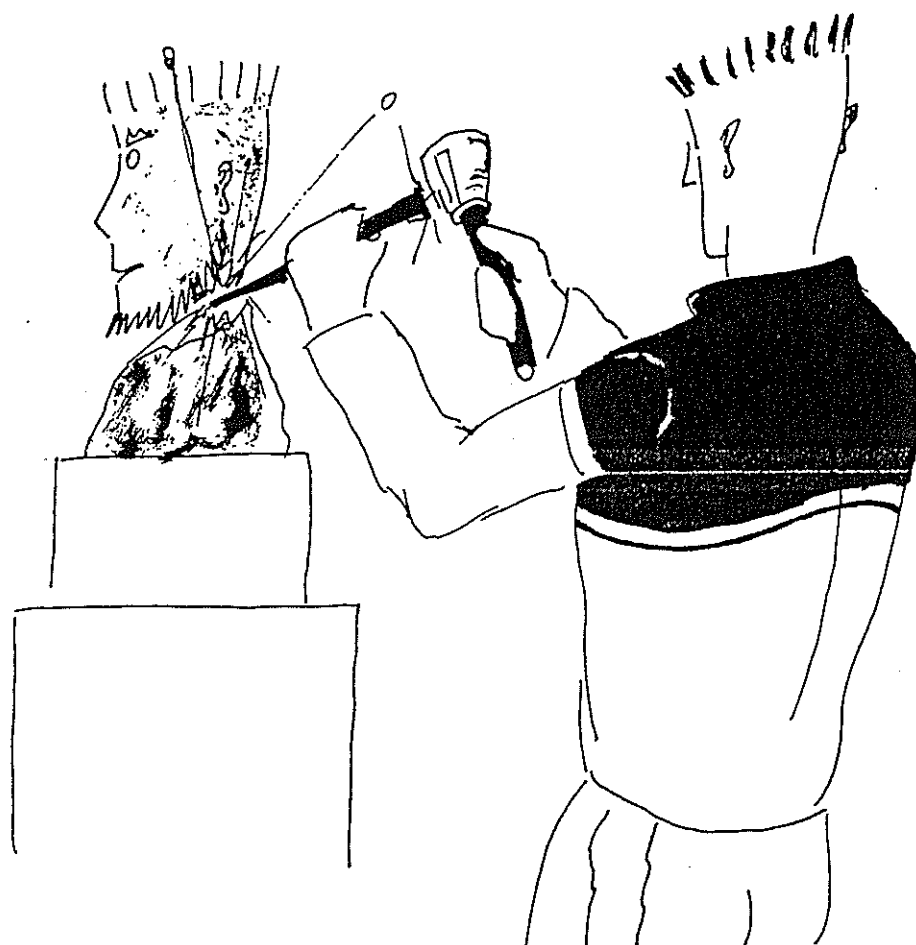


# O PERFIL DO MONITOR

Teotónio Lima





## Introdução

O alcance educativo, social e cultural, que fôr atribuído à prática desportiva destinada às crianças e aos jovens é que determina a importância do monitor e dimensiona a sua responsabilidade no processo global da formação desportiva da juventude.

Para nós, a actividade física e desportiva das crianças e jovens, de idades compreendidas entre os 8 e os 14 anos, não pode nem deve deixar de ser determinada por objectivos de ordem educativa e formativa. É nesta perspectiva que as responsabilidades do monitor na orientação da prática desportiva infantil e juvenil são, no seu todo, equivalentes às que se reconhecem no caso do professor do ensino primário, considerado como o primeiro e fundamental iniciador da formação da criança, em todas as facetas básicas do processo educativo e da transmissão do saber humano. As primeiras acções, de natureza educativa e formativa, dirigidas às crianças, pelo seu significado, influência e repercussão, no desenvolvimento de capacidades, na transmissão de valores morais, sociais, culturais e outros, na aquisição do saber, etc., levam-nos a salientar a importância da preparação dos agentes por elas responsáveis e a reconhecer que essa preparação deve ser o mais profunda e completa que for possível promover.

Sabemos que a realidade social não é compatível com uma preparação prolongada de tais agentes visto que as necessidades de ensino não podem esperar pelos resultados de um longo processo de formação que dê cabal satisfação àquelas preocupações.

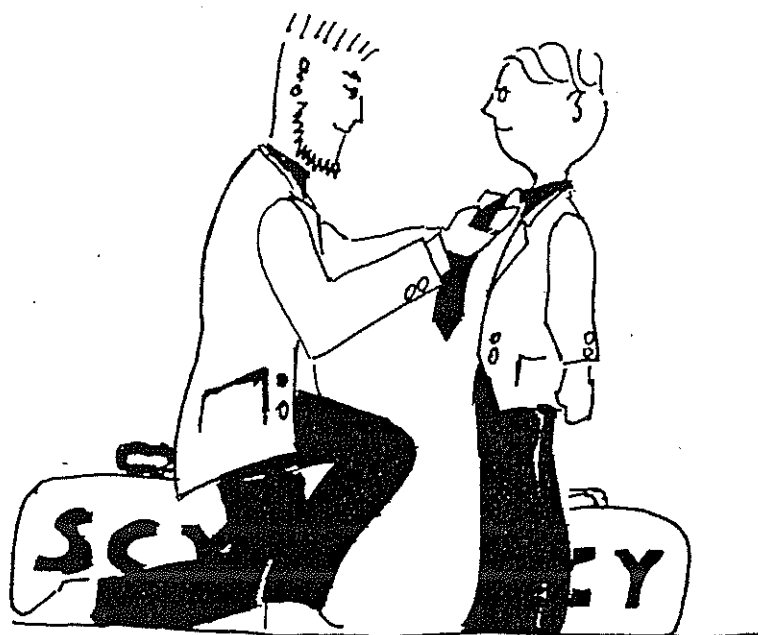
No processo desportivo vive-se essa realidade e há que contar confiadamente com todos aqueles que, voluntariamente, estão dispostos a ensinar, orientar e dirigir a prática do desporto destinada às crianças e aos jovens. A formação de monitores é uma resposta a parte dessas necessidades. A nosso ver, é preciso garantir aos monitores uma formação permanente que possa enriquecer a sua preparação e corrigir a pouca profundidade da habilitação inicial, correspondente à acção que lhes concedeu essa qualificação. Há que ter consciência dos riscos sociais e culturais que se correm com esta solução, cujas vítimas poderão ser as crianças e os jovens.

**Trabalhar com crianças, orientando a sua prática desportiva, é antes do mais assumir a responsabilidade de contribuir para o seu desenvolvimento e não para, através delas, alcançar objectivos de promoção pessoal.**

Muito da maneira de fazer desporto, da maneira de estar na actividade desportiva e da maneira de ser desportista, que as crianças e os jovens aprenderem com os monitores, vai «ficar com elas» e vai influenciar as atitudes e os comportamentos que em relação ao desporto, irão assumir

no futuro quer como praticantes, quer como atletas, técnicos ou dirigentes, quer ainda como cidadãos.

**Ser monitor desportivo não se reduz ao mero exercício de ensinar as técnicas, as táticas, as regras, etc., de uma modalidade; ser monitor é assumir conscientemente a responsabilidade pela formação desportiva inicial das crianças e dos jovens; ser monitor é saber praticar uma pedagogia desportiva concreta que transmita, para além do saber desportivo, conceitos, princípios e regras de comportamento que valorizam o ser humano como elemento social e como indivíduo criador de factos culturais.**

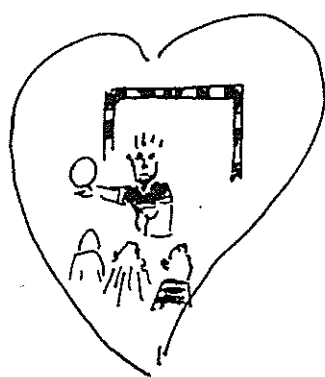


## O que é ser monitor?

A realidade desportiva nacional mostra-nos que uma larga maioria dos indivíduos que estão a dirigir, a orientar e a ensinar o desporto não possui a preparação mínima necessária para exercer conscientemente as funções que de facto exercem e que se reconhecem ser próprias de agentes desportivos devidamente qualificados — dirigentes, treinadores, juizes e outros. Essa realidade sugere a necessidade da figura do monitor, entendido como um agente desportivo auxiliar, já que na prática corrente é uma função assumida no foro daquelas que habitualmente são desempenhadas pelos treinadores, designadamente no âmbito das actividades destinadas aos escalões mais jovens, dirigindo, orientando e ensinando as actividades concretas de uma determinada modalidade desportiva e a quem é preciso assegurar uma formação adequada.

Podemos dizer que o monitor surge no desporto em condições semelhantes e paralelas àquelas que nas organizações educativas criaram a necessidade do monitor como auxiliar do professor ou do director de actividade. Há que reconhecer por outro lado que naquele contexto, um indivíduo que aceita a função de dirigir, orientar e ensinar a sua modalidade preferida é porque sente que está preparado para desempenhar o papel de treinador. Aqueles que o fazem no domínio do desporto infantil é porque:

- têm grande entusiasmo pela prática desportiva e gostam particularmente das modalidades a que estão ou estiveram ligados como praticantes;



- gostam de ensinar e de estar em contacto com as crianças e com os jovens;
- acreditam no valor formativo do desporto e na sua capacidade para contribuir a favor do desenvolvimento desportivo.

A verdade é que, apesar de possuir estes traços importantes para ser monitor, não estão preparados para serem treinadores.

O monitor tem de preparar-se para desempenhar papéis diferenciados e actuar de acordo com as principais expectativas que rodeiam a sua função enquanto agente desportivo.

A actuação do monitor varia de modalidade para modalidade, de grupo etário para grupo etário, de nível técnico para nível técnico, etc., pelo que a sua preparação não deve deixar de ser adequada e compreender o enquadramento técnico-pedagógico indispensável à sua actuação, a orientação da sua prática de ensino e a aquisição de conhecimentos que se perspectivam como factores fundamentais da sua formação permanente.

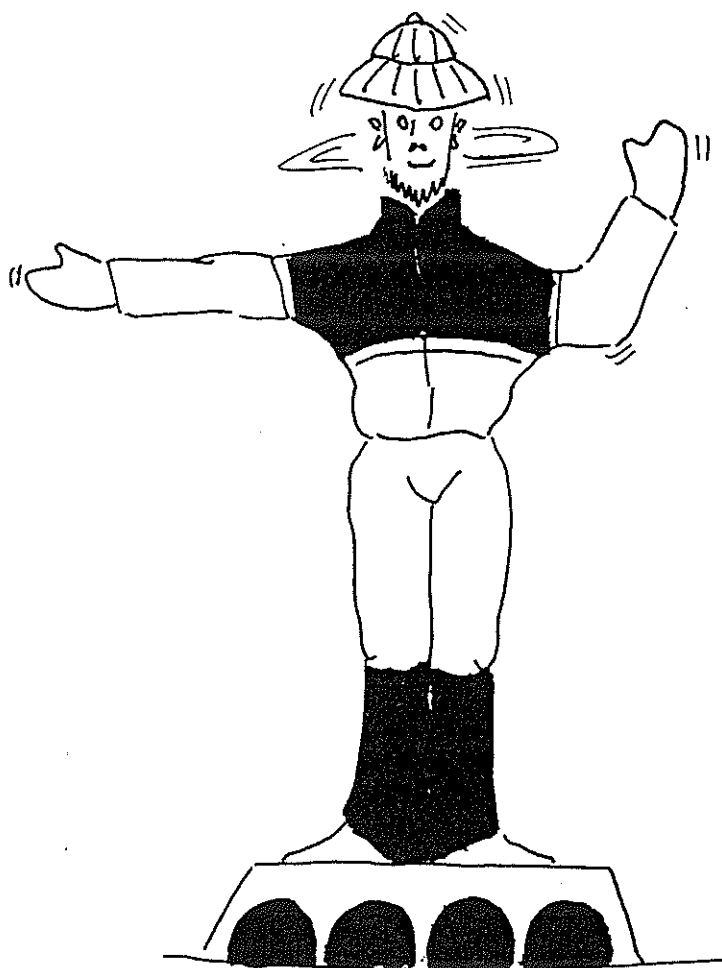
**É nessa medida que a actividade de monitor pode ser encarada como uma etapa no processo de formação do treinador, durante a qual a vivência das situações e a aquisição de experiências, contribuem para valorizar a importância da organização das actividades, da disciplina das actuações e para salientar as qualidades necessárias a um correcto relacionamento com os praticantes desportivos.**

## **A actuação e o papel do monitor**

**O monitor, através da sua actuação junto das crianças e dos jovens com quem trabalha, exerce um conjunto de influências sobre a formação desportiva e sobre a formação da personalidade dos jovens, cujo alcance e consequências deve ser devidamente valorizado nos seus aspectos fundamentais.**

Uma das facetas dessa actuação consiste no desempenho da função de iniciador ou de treinador de uma modalidade desportiva.

A actividade e as tarefas dominantes dizem então respeito à transmissão dos «saberes desportivos» propriamente ditos. Aqui, o monitor tem de desempenhar diferentes papéis — **DIRIGINDO, ORIENTANDO, ENSINANDO, DEMONSTRANDO, CORRIGINDO, APROVANDO, ESTIMULANDO, MOTIVANDO**, etc. — durante um processo que implica a aprendizagem, exercitação, treino, observação e avaliação de natureza predominantemente desportiva. Uma actuação eficaz, nesta área, exige do monitor conhecimentos do foro desportivo, de pedagogia concreta e reportório de informações precisas.



Esta atitude, sincera, é que dá ao monitor a autoridade genuína para poder salientar a importância que no seu trabalho atribui:

- à aplicação, ao empenho e à persistência como aspectos do esforço individual que é necessário fazer para aprender e para ficar a saber fazer e de que ele próprio (monitor) dá exemplo no esforço que faz para ensinar bem, tudo aquilo que sabe;
- à pontualidade, à disciplina, à organização, à paciência, à compreensão, etc., como princípios que são necessários para conseguir que as actividades (explicação, demonstração, treino, jogo, etc.) sejam realizadas conforme todos desejam, de forma a que todos nelas participem e delas retirem plena satisfação;
- à linguagem, ao respeito, à correcção, à justiça, etc. com que todos devem ser tratados nas relações que se estabelecem durante as actividades desportivas, no vestiário, no balneário, etc. e de que ele próprio é um exemplo impecável.



É esta atitude que cria condições para que o monitor «elabore» um código ético de valores, atitudes, comportamentos e condutas, que se aplica a todos e que ele cumpre e «administra» com justiça e com «coração». Ao monitor **NÃO SE ADMITE** um discurso moralista correspondente ao **FAZ COMO TE DIGO NÃO OLHES AO QUE EU FAÇO!!!**

Ao monitor exige-se uma atitude mental de educador que se traduza num esforço permanente de autodomínio necessário a uma actuação pelo exemplo.

A intervenção educativa e formativa do monitor depende do auto-controlo da sua conduta, dos seus comportamentos e das suas atitudes, em todas as situações desportivas em que se encontrar investido da função que exerce.

O que o monitor sabe — das técnicas, das tácticas, das regras, da história, dos exercícios, dos processos de preparação, dos métodos de treino, etc., — não pode esgotar-se rapidamente perante o desejo de saber mais e a aspiração de fazer melhor que caracterizam os praticantes jovens. Isto representa, sem dúvida, um aspecto importante e significativo que condiciona a actuação do monitor, tanto mais que é a sua obrigação «transmitir o seu saber sem qualquer reserva a quem quer aprender» num quadro de relacionamento em que monitor e praticantes têm meta comuns: **o monitor quer que o praticante aprenda e progrida; os praticantes querem aprender e progredir.** É neste quadro que se elaboram os valores fundamentais do processo da formação desportiva dos jovens. No entanto, por muito importante que se considere esta faceta da actuação do monitor, não é no domínio dos «saberes desportivos» que se formam exclusivamente os atletas ou se desenvolve o seu valor desportivo, mas sim, de maneira decisiva, numa outra faceta dessa actuação ou seja naquela que se ocupa do desenvolvimento das capacidades e das qualidades que caracterizam o ser humano.

**O papel que o monitor tem de desempenhar** nesta área do desenvolvimento da criança e do jovem é, a nosso ver, o mais relevante, porquanto **tem de atender ao comportamento, ao desenvolvimento de capacidades e de qualidades, à formação da personalidade, aos traços do carácter, etc..** Trata-se de uma actuação que obedece agora a princípios e objectivos de ordem educativa e formativa que têm reflexos importantes no desenvolvimento daquelas capacidades e qualidades.

## O relacionamento com os praticantes

As tarefas do monitor têm de ser realizadas num quadro de relacionamento inter-pessoal que facilite o processo de transmissão dos «saberes desportivos» e de aquisição desses mesmos saberes pelos praticantes. É durante este processo que o monitor tem a oportunidade de exercer uma acção educativa importante. A sua actuação — ao ensinar as técnicas; ao dizer o que se faz, como se faz e quando se faz; ao corrigir os erros de execução; etc. — não se remete a um discurso, antes se caracteriza como uma actuação pelo exemplo; como uma actuação marcada pelo interesse pessoal (clara e directamente expresso), que procura fazer com que o aprendiz, o praticante, consiga executar com êxito aquilo que lhe ensina. Mais! **O monitor mostra, pela sua conduta, que se interessa pelo êxito do aprendiz,** ao ponto de querer que a execução deste seja superior àquela que ele próprio foi capaz de fazer!

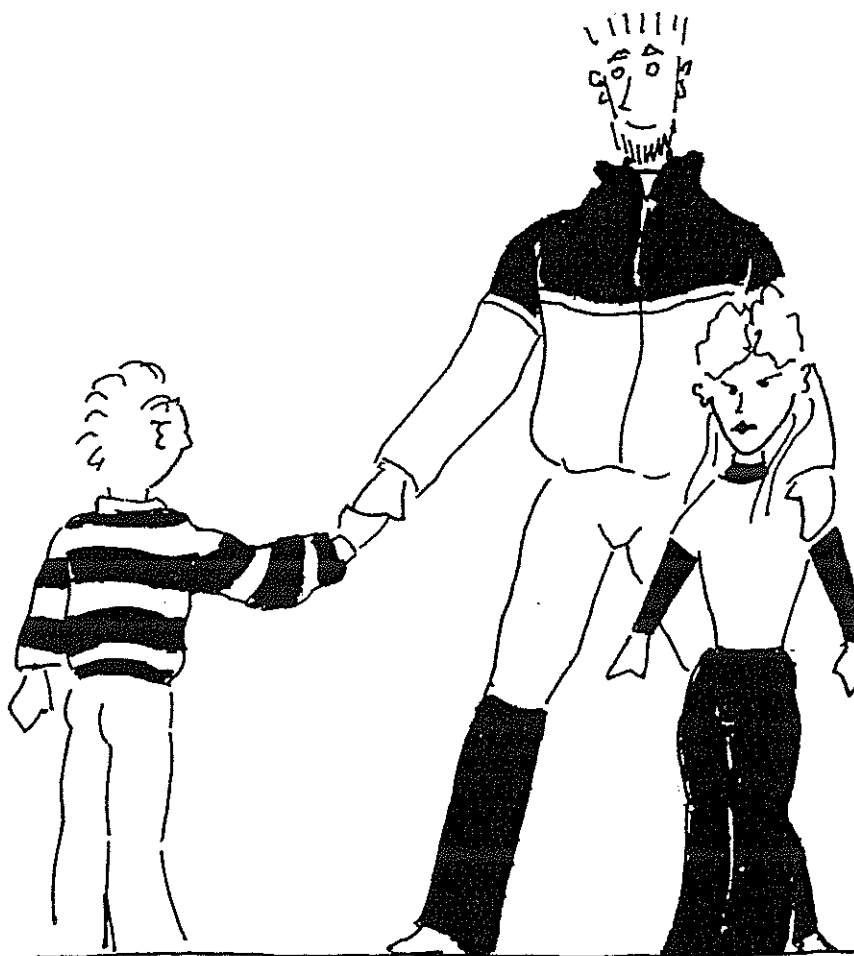
Esta atitude do monitor é a chave do seu relacionamento, da comunicação com os praticantes e abre as portas à sua acção educativa e formativa. Esta atitude inicial é que permite ao monitor salientar, valorizando, o significado de atitudes, de comportamentos e de uma conduta, sem as quais aprender, saber fazer, fazer bem e querer progredir, não é possível; sem as quais estar no desporto não contribui para a satisfação de aspirações, para o desenvolvimento e progresso individual.



A formação desportiva de um monitor poderá ter sido errada, poderá ter sido incorrecta, mas se acredita no alcance desportivo e social da missão que quer desempenhar, a sua «transformação» depende de um esforço de superação dirigido no sentido de alcançar o «espírito desportivo» que faltou na sua educação como desportista e praticante.

Qual será a idoneidade, moral e pedagógica, de um monitor que, na sua maneira de estar no desporto, ignora e despreza os princípios fundamentais de uma sã convivência social e desportiva, como:

- a aceitação, cumprimento e respeito pelos regulamentos, regra do jogo e decisões de juízes e dirigentes;
- o respeito pela personalidade, saúde e integridade física dos praticantes com quem trabalha e a quem lhe cumpre defender dos riscos e dos excessos das práticas competitivas;



- a honestidade, sinceridade, lealdade, firmeza e limpidez de processos quando participa nas competições, seja orientando e dirigindo os jovens seja actuando como atleta;

- a imparcialidade dos juízos de valor, do julgamento em casos de disciplina e de aplicação de critérios previamente fixados;
- o reconhecimento dos resultados e da superioridade momentânea dos opositores que encontra nas competições;
- a igualdade de tratamento e de oportunidades para todas as crianças e jovens que participam nas actividades por si orientadas e dirigidas;
- o direito de participar e de agir de acordo com as capacidades, possibilidades e características das crianças e dos jovens, num clima de serenidade, de satisfação e de alegria, que desenvolva o gosto pela prática desportiva e pela actividade física;
- a cooperação, a solidariedade, a estima, o companheirismo e a amizade entre os participantes na actividade desportiva e na competição institucionalizada;
- o comedimento das manifestações, individuais e colectivas, nas situações de êxito que se vivem nas competições e que são possíveis graças à participação dos opositores, que em caso algum podem ser vistos como «inimigos».

Um monitor tem de ser um fiel intérprete de todos estes traços se pretende de facto conquistar a imagem de quem sabe respeitar o «espírito desportivo». Um bom monitor é — como poderia deixar de ser?! — ainda responsável pela transmissão deste espírito desportivo a todos aqueles que ensina, orienta e dirige.

## O relacionamento com os outros intervenientes

A autoridade adquirida pela Monitor junto das crianças e dos jovens, fruto dos seus conhecimentos técnicos, do seu empenhamento no ensino, da sua conduta e do seu respeito pela ética e pelo espírito desportivo, não deve ser abalada nas situações de relacionamento com os outros intervenientes na prática desportiva.

**As responsabilidades do monitor, como educador e como exemplo, não se extinguem quando as suas intervenções nas actividades desportivas, especialmente nas competições, vão na direcção dos pais dos praticantes, dos dirigentes, dos árbitros, dos espectadores, dos associados do clube ou dos representantes da comunicação social.** Por força das condições sociais que rodeiam as competições desportivas, as crianças e os jovens estabelecem um relacionamento, mais ou menos próximo, com todos os intervenientes nas actividades desportivas.

Os jovens praticante estão em permanente contacto com os dirigentes da instituição ou do clube que representam, com os funcionários e responsáveis pelo equipamento, pelas instalações, pelos transpotes, etc.; têm de se apresentar a dirigentes, árbitros e juízes, sempre que participam em competições; têm de dirigir-se aos árbitros e juízes e respeitar as regras de conduta face ao julgamento e decisões que são por aqueles assumidas durante as competições; têm de observar um comportamento cívico correcto perante as manifestações dos espectadores e das «claques» que acompanham as competições; têm ainda de compreender o papel da comunicação social e de saber responder adequadamente às solicitações que, eventualmente, lhes possam ser feitas pelos seus representantes.

Com quem podem aprender a cumprir, com correcção, todas estas obrigações desportivas e cívicas? Onde podem, os jovens atletas, procurar o apoio necessário para aprender as condutas adequadas ao relacionamento com todos estes intervenientes nas actividades desportivas? **É através do Monitor, é pela observação da conduta do monitor, que os jovens e as crianças aprendem e adquirem as condutas e as atitudes que se ajustam a todo esse relacionamento.** Importa ter sempre presente que tanto as crianças como os jovens são excelentes observadores (um grande número das suas aprendizagens foi adquirido por imitação e esta só é eficaz quando se sabe observar aquilo que se quer copiar) e raramente deixam escapar «as falhas do adulto» que as ensina ou que as dirige seja no que for.

O exemplo dado pelo Monitor no relacionamento com as outras personagens da prática desportiva e das competições desportivas é, não tenhamos dúvidas, rigorosamente observado e comparado com espírito crítico em relação às condutas que o próprio monitor aconselha aos jovens praticantes. Os exemplos fornecidos pelo Monitor são neste campo um factor da formação desportiva das crianças e dos jovens particularmente importante, visto que se registam em situações que não estão habitualmente inseridas no quadro geral da sua preparação desportiva e nas actividades quotidianas.

É neste contexto que o Monitor deve estar preparado para actuar correctamente, sem esquecer que as crianças e os jovens, por si orientados, acompanham sempre as intervenções do «seu monitor» sob uma expectativa positiva, isto é, esperam que, em toda as situações, assuma a atitude certa, adequada e que tudo resolva.

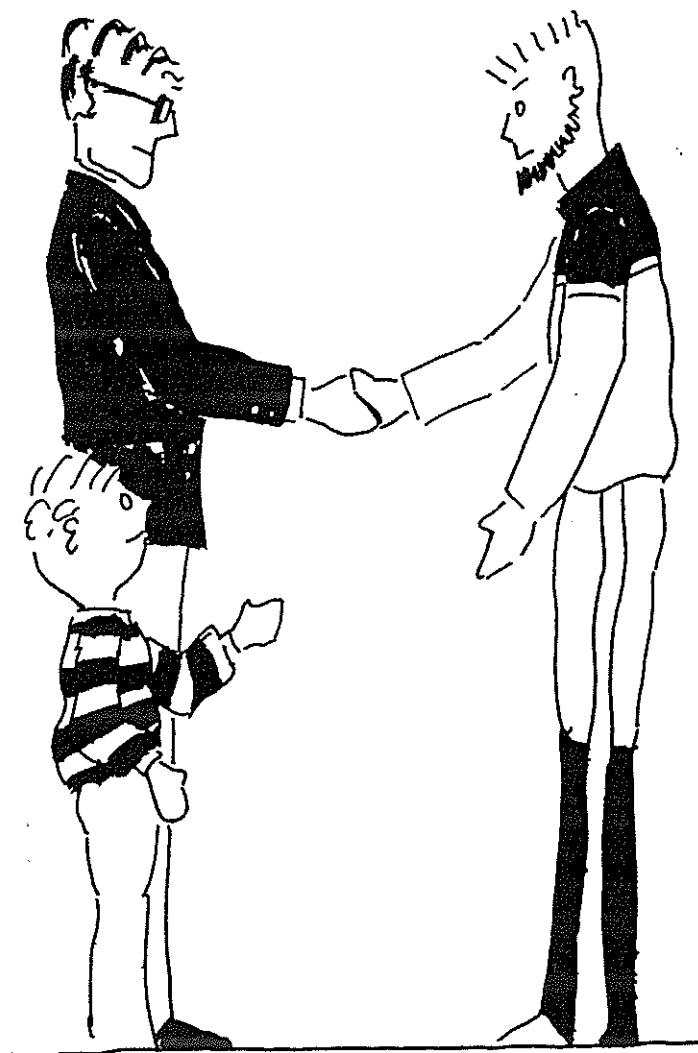
O Monitor deve pois fazer todos os esforços para não iludir essa expectativa com atitudes e comportamentos intempestivos, descontrolados ou anti-desportivos.

A nosso ver, é importante que o Monitor se prepare para agir correctamente nas situações que podem ser incluídas num quadro concreto de relacionamento desportivo. De uma maneira geral, o Monitor tem de estabelecer esse relacionamento com:

- (1) — Os pais das crianças e dos jovens por cuja formação desportiva é responsável;
- (2) — Os elementos do enquadramento quotidiano das actividades na instituição a que está vinculado — dirigentes, seccionistas, funcionários, massagistas, sócios, etc.;

- (3) — Os elementos das outras equipas que participam nas competições em que actua;
- (4) — Os elementos das equipas de arbitragem que dirigem as competições em que participa como responsável pela orientação da «sua gente»;
- (5) — Os dirigentes das estruturas desportivas locais, regionais e nacionais;
- (6) — Os representantes dos Órgãos da Comunicação Social, em especial, quando é por estes solicitado a manifestar a sua opinião sobre as competições, sobre as actividades sob sua responsabilidade ou sobre outros aspectos da prática desportiva;
- (7) — Os espectadores em geral, quando está a desempenhar as suas funções no âmbito competitivo.

(1) — **O relacionamento com os pais** das crianças e dos jovens desportistas só ocasionalmente tem sido considerado como aspecto significativo e enriquecedor da formação do Monitor.



Os efeitos positivos que podem resultar deste relacionamento contribuem de um modo concreto para o apoio e compreensão dos pais relativamente ao entusiasmo e empenho manifestado pelas crianças e pelos jovens em toda a sua participação desportiva. De facto, as condições em que se realiza e organiza a prática desportiva no nosso País — regime de horário das actividades; deslocações e custo dos transportes; alterações nos hábitos das crianças; ajustamentos no horário das refeições (designadamente na hora do jantar); ocupação de sábados, domingos e dias festivos; etc. — constituem factores que afectam o tradicional curso da vida familiar, os quais, sem a compreensão e apoio dos pais podem prejudicar a formação desportiva dos jovens e conduzir mesmo ao abandono da prática desportiva. O relacionamento do Monitor com os pais dos jovens praticantes deverá perseguir os seguintes objectivos:

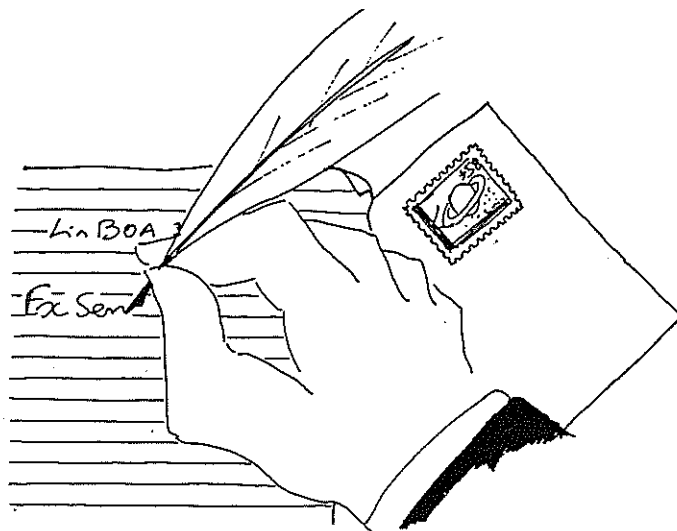
(a) — **Estabelecer uma relação social** decisiva para o desenvolvimento desportivo e promover um conhecimento pessoal mútuo que é importante para a formação global das crianças e dos jovens, bem como para a continuidade do trabalho a realizar através das actividades desportivas. **Com este passo, o Monitor deixa de ser um desconhecido para os pais dos jovens** e sabe-se como isto tem influência no relacionamento social e desportivo.

(b) — **Contribuir para o esclarecimento dos pais** sobre o alcance formativo das actividades desportivas, sobre os objectivos próprios do programa que se propõe realizar e sobre os resultados que se esperam alcançar.

(c) — **Informar sobre a natureza da modalidade**, sobre o que se espera das crianças e dos jovens e da colaboração dos pais, esclarecendo quais as perspectivas de desenvolvimento e de progresso individual, quer do ponto de vista global quer do ponto de vista desportivo, que orientam o trabalho a realizar.

(d) — **Manifestar compreensão para a preocupação dos pais** quanto aos efeitos formativos da prática desportiva, estabelecendo uma comunicação efectiva que possa contribuir para motivar e obter o apoio dos pais no sentido da sua participação directa na organização das actividades programadas, bem como a sua colaboração em iniciativas no âmbito das actividades sociais destinadas às crianças e aos jovens (encontros, festivais, etc.).

A realização destes objectivos pressupõe a execução de várias tarefas, tais como:



## I — Escrever uma carta aos Pais

«Ex.<sup>mo</sup> Senhor

Antes de mais, permita que me apresente: sou António José, o monitor do seu filho Carlos e da sua filha Joana que este ano vão praticar a modalidade M, no escalão de novatos, incluída no plano de actividades de formação desportiva organizada pela nossa Colectividade. Creio que algumas informações sobre o nosso programa corresponderá ao interesse que levou V. a autorizar os seus filhos a praticar a modalidade e que, com agrado, passo a referir.

1 — O programa vai decorrer de 15 de Agosto de 1988 até 31 de Maio de 1989, com três sessões semanais — segundas, quartas e sextas — das 17.30 às 19.00 horas, sem prejuízo portanto das obrigações escolares dos seus filhos. De 1 de Novembro a 31 de Março está prevista a realização de competições oficiais que terão lugar todos os domingos de manhã segundo calendário que oportunamente será levado ao conhecimento de V. No período compreendido entre 1 de Abril e 31 de Maio os domingos de manhã serão preenchidos com a realização de torneios e convívios, cuja organização está já assegurada pela nossa Secção.

2 — Todos os jovens deverão possuir o equipamento individual necessário para a prática da modalidade. A Colectividade fornecerá o equipamento individual para as competições, o qual será distribuído aos atletas ficando estes responsáveis pela respectiva lavagem e conservação.

3 — As despesas com as deslocações para as sessões semanais terão de ser suportadas pelos atletas, ficando a cargo da Colectividade as despesas resultantes das deslocações exigidas pelo Calendário das Competições.

4 — A exemplo dos anos anteriores, a Secção pretende organizar, em colaboração com os Pais de todos os atletas, um sistema de transportes e de aquisição de equipamentos que permita uma substancial redução das despesas aludidas.

Estas são as informações que, neste primeiro contacto com todos os pais dos atletas inscritos na Secção é possível fornecer a V. por esta via. Para seu complemento e maior análise vai a Secção promover no dia 30 de Agosto de 1988 uma reunião com os pais dos atletas, para a qual conto com a presença de V.

Grato pela compreensão e apoio às nossas actividades, cumprimenta

António José

31/Julho/1988

## II — Realizar uma reunião com os Pais

A reunião com os pais dos atletas, anunciada na carta atrás reproduzida, **tem de ser devidamente preparada e organizada com todo o pormenor**. As crianças e os jovens, a nosso ver, não devem estar presentes nesta reunião, visto que esta é reservada aos pais e prevê o tratamento de assuntos que não convém levar ao conhecimento daqueles. A participação dos dirigentes e dos elementos da equipa técnica é importante e deve ser uma regra a seguir pelo Monitor.

A data proposta para a reunião, 30 de Agosto, ou seja 15 dias depois do início do programa, obedece a um propósito — permitir que tanto as crianças e os jovens como os pais tenham experiência concreta de problemas e de situações criadas pela actividade de duas semanas, dando aos pais referências objectivas às questões que vão ser tratadas na reunião e oportunidade para a formulação de perguntas relacionadas com as situações vividas pelos jovens e já relatadas aos próprios pais.

A reunião deverá ser organizada de acordo com as seguintes linhas gerais:

### 1 — Local e hora da reunião

O local da reunião deve ser facilmente acessível aos Pais dos atletas. A sala deve ser adequada ao propósito da reunião:

- bem iluminada, suficientemente espaçosa e dispondo de assentos confortáveis de modo a assegurar comodidade para os 60 minutos da reunião (que deve ser a duração mínima).

A hora marcada para a reunião deve ser escrupulosamente respeitada. A escolha da hora merece uma atenção especial de modo a que a reunião não seja afectada por compromissos previamente assumidos pelos pais.

### 2 — Agenda da Reunião

#### 2.1 — Introdução

21.00/21.05

O monitor abre a reunião, faz a sua própria identificação e apresenta de imediato os dirigentes e os elementos da equipa técnica. A seguir informa os pais dos atletas sobre a sua qualificação como monitor de modo a que aqueles tenham conhecimento da sua idoneidade para exercer a função de orientador da formação desportiva das crianças e dos jovens.

#### 2.2 — Princípios de orientação

21.05/21.10

O monitor apresenta os princípios que vão orientar o seu trabalho (filosofia da sua actuação) e as suas preocupações de ordem pedagógica. Deverá fazê-lo de modo claro e sucinto, tratando pelo menos dos seguintes aspectos:

- Valor educativo e formativo da actividade desportiva e benefícios que as crianças podem retirar da prática da modalidade;
- Referência sumária aos métodos que vai usar no ensino e na preparação dos jovens;

- Esclarecimento sobre o significado do resultado das competições, sobre o desenvolvimento físico e psicológico das crianças e do gosto pela actividade física e pela modalidade;
- Referência breve, não individualizada, sobre as perspectivas de desenvolvimento que os jovens poderão alcançar até ao fim do programa.

## 2.3 — Necessidades dos jovens

21.10/21.15

O monitor expõe com serenidade as necessidades que as crianças e os jovens têm de actividade física, de compreensão dos pais e de apoio para que não vivam a prática desportiva como um meio de evasão às exigências do aproveitamento escolar, aos excessos de disciplina familiar, ao rigor e distanciamento das relações com os adultos, etc.; como um meio de compensação para frustrações de ordem afectiva, intelectual, emocional, etc., etc..

Tem aqui oportunidade salientar a importância do papel dos pais na correcção das «aspirações para se ser campeão» que muitos adultos consideram o único objectivo válido para se fazer desporto.

## 2.4 — Aspectos específicos do programa

21.15/21.30

Aqui, o Monitor expõe com pormenor as informações que tinham sido fornecidas na carta enviada aos pais.

- (a) — *O tempo exigido pelas actividades*
  - As crianças devem estar no vestiário 10 minutos antes da hora marcada para as sessões e deverão estar prontas para regressar a casa 15/20 minutos depois das sessões terminarem.
- (b) — *O número de sessões semanais*
  - Explicando as razões que justificam a realização de 3 sessões semanais.
- (c) — *A divisão do tempo total do programa nos três períodos indicados na carta*
  - Explicando sumariamente a orientação seguida e justificando o número de competições previstas.
- (d) — *O critério geral para a escolha dos jovens que vão às competições*
  - Esclarecendo os objectivos da competição e explicando os regulamentos aplicáveis às idades dos atletas.
- (e) — *As condições que determinam a aquisição do equipamento individual*
  - As despesas dos transportes, etc., explicando com suficiente pormenorização as razões da orientação seguida. Convém neste tópico deixar a sugestão para uma nova discussão destas condições.

Outros aspectos do programa que podem ser abordados são, por exemplo, os que respeitam a: exame médico desportivo, seguro das crianças e dos jovens, angariação de fundos, organização de sistema de transportes, sistema de aquisição de equipamentos, etc., etc..



## 2.5 — Período de Perguntas e Respostas

21.30/22.00

A parte final da reunião deve ser destinada a uma verdadeira sessão de perguntas e respostas em que cabe ao Monitor responder, com cordialidade, a todas as questões que possam ser apresentadas pelos pais dos jovens. Se, eventualmente, não forem feitas perguntas cabe ao próprio monitor abordar várias questões relacionadas com os seguintes pontos:

- (a) — As crianças e os jovens devem fazer um exame médico-desportivo antes de participar nas competições?
- (b) — Quando é que as crianças estão preparadas para entrar na competição organizada oficialmente?
- (c) — Os rapazes podem competir com as raparigas? Em que idades deve isso acontecer?
- (d) — Qual é o risco de acidentes e de lesões?
- (e) — Quem é que decide o regresso à competição quando uma criança ou um jovem sofre um acidente?
- (f) — Quais são as expectativas sobre o talento desportivo das crianças e dos jovens? Virão a ser bons atletas?
- (g) — Como encarar a especialização desportiva dos jovens? Quais são os inconvenientes?
- (h) — Durante as competições os pais podem falar com os filhos?
- (i) — Que devem os pais fazer quando os filhos perdem nas suas competições? E quando ganham?
- (j) — Que espera o Monitor da colaboração dos pais?
- (l) — Que esperam os pais do Monitor?
- (m) — Como é que os pais podem contactar com o Monitor?

O Monitor deve fornecer a sua morada, telefone e horas em que pode ser contactado pelos pais dos atletas.

## III — Organizar uma sessão de demonstração

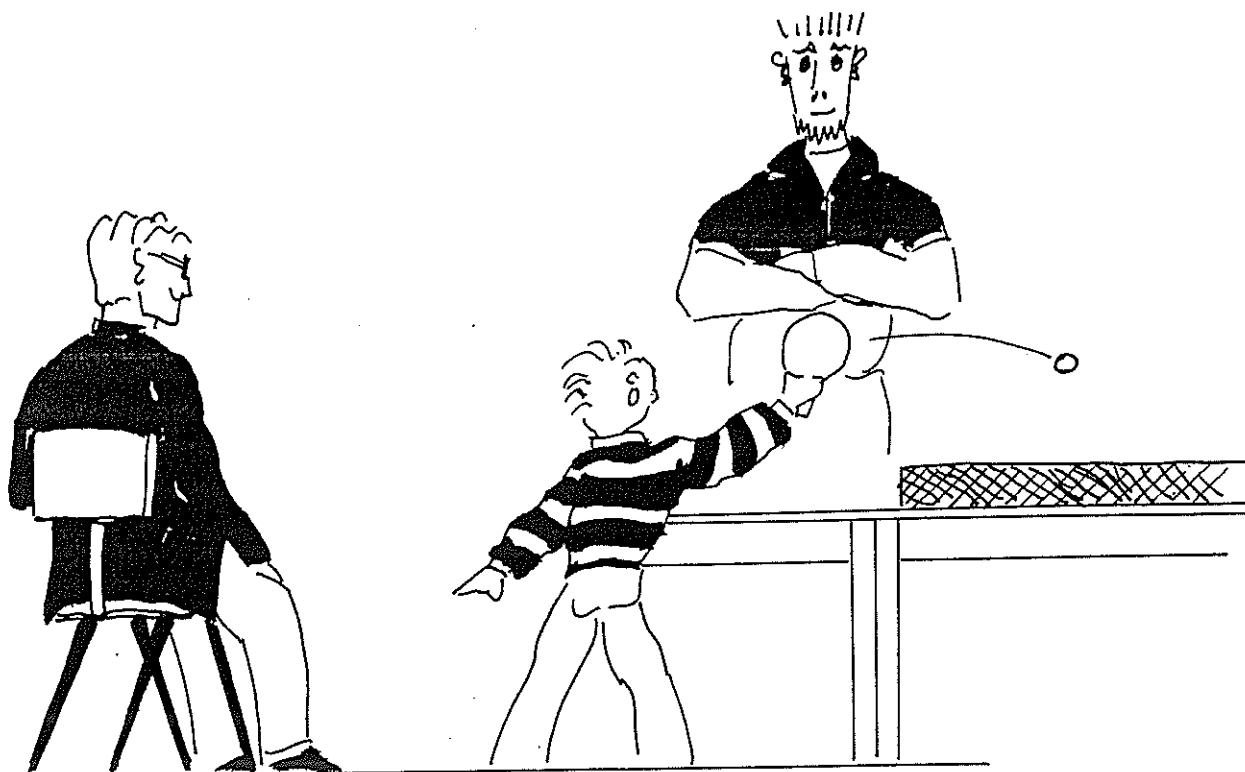
A realização de uma sessão de demonstração prática é uma iniciativa que permite motivar o interesse dos pais pela formação desportiva das crianças e dos mais novos. A primeira sessão deve ter lugar antes de se iniciar, as competições. Sugere-se que de acordo com a calendarização geral apresentada, a demonstração seja realizada na 3.<sup>a</sup> semana de Setembro no local em que as actividades são habitualmente praticadas.

A sessão deverá ser reservada aos pais dos atletas que nela vão actuar e, eventualmente, aberta aos convidados que forem indicados pelos pais e pelos atletas. Com esta medida pretende-se que os pais se sintam integrados numa sessão de trabalho. A demonstração deve ser de facto uma sessão de trabalho cuja organização tem de ser cuidada e coerente com as sessões anteriores, cujo objectivos gerais devem ser explicados aos atletas.

Em relação aos pais é necessário ter presente os seguintes propósitos:

(1) — Mostrar a orientação que preside à prática da modalidade e o clima pedagógico que envolve o trabalho que está a ser feito na Instituição e pelo Monitor; (2) — Demonstrar o aproveitamento já conseguido pelas crianças e pelos jovens na prática da modalidade, fornecendo ao mesmo tempo uma referência concreta com vista à apreciação futura do desenvolvimento alcançado pelos jovens atletas.

Estes propósitos não são comunicados aos pais. Em relação aos jovens atletas a sessão deverá constituir também um reforço da sua própria motivação.



Nesta medida sugere-se que a sessão seja organizada em conformidade com o seguinte esquema:

- 1ª parte . Demonstração feita pelos atletas seniores da Colectividade . 30 minutos
- 2ª parte . Demonstração feita pelos jovens inscritos na Secção . . . . . 45 minutos

Este esquema pressupõe uma actuação coordenada entre os responsáveis de cada escalão. A demonstração dos seniores deve incidir sobre as técnicas, exercícios e exemplificação competitiva (jogo, concursos, provas, etc.) que os jovens vão executar na 2ª parte. Deste modo a execução dos seniores funciona como modelo a seguir pelos jovens e constitui um importante factor de motivação. O conteúdo da demonstração e os pormenores técnicos dependem da natureza da modalidade.

A Secção pode elaborar um programa explicativo da sessão que será distribuído aos pais, aos convidados e a todos os atletas participantes (é uma recordação que a maioria gosta de guardar).

#### **IV — Sugerir a constituição de um grupo de apoio**

O relacionamento com os pais dos atletas, em nossa opinião, deve prosseguir através de iniciativas diversas de entre as quais tem especial alcance formativo a constituição de um grupo de apoio às actividades dos jovens atletas.

A constituição de um grupo de apoio é uma sugestão que o próprio Monitor pode perfilar sem que a partir da sua concretização tenha de interferir na respectiva dinâmica interna. O grupo de apoio, uma vez constituído, deverá ser solicitado no sentido de colaborar na organização de iniciativas e de acções relacionadas com a actividade desportiva dos jovens, como é o caso dos transportes, da aquisição de equipamentos, da realização de festivais, da angariação de fundos, da conquista de meios, etc., etc.. O grupo de apoio poderá, eventualmente, proporcionar a formação de novos dirigentes e de novos seccionistas, dado que a sua área de intervenção tem necessariamente uma clara afinidade com as actividades dos dirigentes.

#### **V — Programar reuniões periódicas com os pais**

Considerando que os escalões etários abrangidos no trabalho do monitor incluem os jovens que, na sua maioria se encontram em regime de escolaridade efectiva, sugere-se que seja programado um calendário de reuniões com os pais dos atletas com o objectivo de troca de informações sobre:

- Conciliação das obrigações escolares com a actividade desportiva (testes escolares — dispensa de treinos, etc.)
- Aproveitamento escolar e regime de assiduidade na actividade desportiva;
- Ocupação das férias escolares em actividades desportivas complementares do programa da modalidade;
- Etc., etc.;

O relacionamento do Monitor com os pais dos jovens, cujas idades vão dos 8 aos 14 anos, é sem dúvida uma das tarefas que lhe cabe assumir com ponderação, abertura e compreensão, visto que é através desse relacionamento que enriquece o conhecimento sobre as crianças e os jovens com quem trabalha e que cria condições favoráveis a um melhor ajustamento da atitude daqueles em relação aos interesses dos jovens e da formação desportiva da Juventude.

**(2) — O relacionamento com os elementos que constituem o quadro institucional de apoio às actividades orientadas pelo Monitor é extremamente importante quer para a planificação das actividades quer para a criação de um bom clima de trabalho.**

Neste âmbito interessa distinguir diferentes níveis de relacionamento do Monitor: **(a)** — com os funcionários da Instituição — porteiros, guardas, responsável pelo recinto, roupeiro, etc.; **(b)** — com os seccionistas da modalidade; **(c)** — com os elementos do quadro técnico; **(d)** — com os dirigentes da Instituição — Presidente da Direcção, Director de Pelouro, etc.. Esta distinção nada tem a ver com a intenção de estabelecer uma hierarquia de funções e menos ainda de apontar diferenças sociais. Nada disso! Pretendemos apenas distinguir níveis de convivência e de relacionamento.

Com efeito, o relacionamento quotidiano com os funcionários da Instituição, nomeadamente com o responsável pelo vestiário/balneário e com o roupeiro — pela frequência, proximidade e informalidade — vem em primeiro lugar porque tende a ser considerado com a familiaridade que admite o tratamento por tu, liberdades de linguagem, etc. — que, a nosso ver, o Monitor deve evitar. Uma tal familiaridade será rapidamente imitada pelos jovens, com inconvenientes para a disciplina e para o respeito mútuo que deve caracterizar todo o relacionamento no quadro da formação desportiva sob a responsabilidade do Monitor.

As relações do Monitor com os seccionistas e com os elementos do quadro técnico, situando-se embora ao nível da convivência quotidiana, devem ter em atenção a diferença de estatuto individual — os seccionistas têm uma área de intervenção que deve ser valorizada pelo Monitor aos «olhos vigilantes» dos atletas; os técnicos têm uma área de actuação bem clara e bem definida. Tais relações implicam consideração e respeito mútuos, sem que uns e outros se sintam obrigados a seguir formalidades rígidas, cerimoniais ou convencionais. Aqui é importante que o relacionamento do Monitor seja inspirador de uma aproximação fácil entre os jovens e os seccionistas mas respeitando as normas de um civismo exemplar.

As relações do monitor com os dirigentes da Instituição são naturalmente mais distanciadas e menos frequentes, não deixando por isso de se inserir nos mesmos princípios de consideração e de respeito mútuos que lhe compete valorizar em todas as situações do relacionamento entre desportistas.

É ao Monitor que cabe dar o exemplo das atitudes e das condutas correctas que todos os jovens devem assumir no âmbito do relacionamento desportivo e social. Neste aspecto é importante que os jovens atletas **sejam apresentados** em sessão própria a todos os elementos que fazem o seu dia a dia na Instituição e que enquadram as suas actividades. Aos «desconhecidos» não se fala nem se cumprimenta — é o que se ensina, em casa, aos mais novos e a todo as as crianças.

**(3) — O relacionamento do Monitor com os elementos das outras equipas —** atletas, seccionistas, dirigentes, técnicos, etc. — tem de obedecer, por imperativo ético e deontológico, aos princípios que se enumeraram a propósito do espírito desportivo.

A atitude do Monitor, especialmente quando orienta os jovens dos escalões de 8-10 e 10-12 anos, deve ser discreta mas encorajadora das naturais manifestações de companheirismo que se estabelece sem dificuldade e sem preconceitos, nestas idades e logo após a realização das competições. Ao Monitor cumpre desempenhar o papel de «corrector» dos antagonismos

**(5) — O relacionamento com os dirigentes das estruturas desportivas locais, regionais e nacionais** é uma das implicações resultantes da inserção do Monitor em todo o sistema desportivo.

Pela vinculação estabelecida com a Instituição onde exerce a sua função, o Monitor tem natural conhecimento da estrutura orgânica do associativismo desportivo de que aquela faz parte e sabe quem são os dirigentes locais, regionais e nacionais que gerem a sua modalidade. O relacionamento do Monitor com os dirigentes verifica-se, em regra, ao nível institucional e obedece às normas gerais da conduta social, civicamente correcta e coerente com as relações institucionais.

**(6) — O relacionamento com os representantes da Comunicação Social** deve merecer da parte do Monitor uma atenção ponderada visto que o apoio dos Órgãos de Informação — escrita, falada e televisada — é também um factor que intervém no desenvolvimento desportivo.

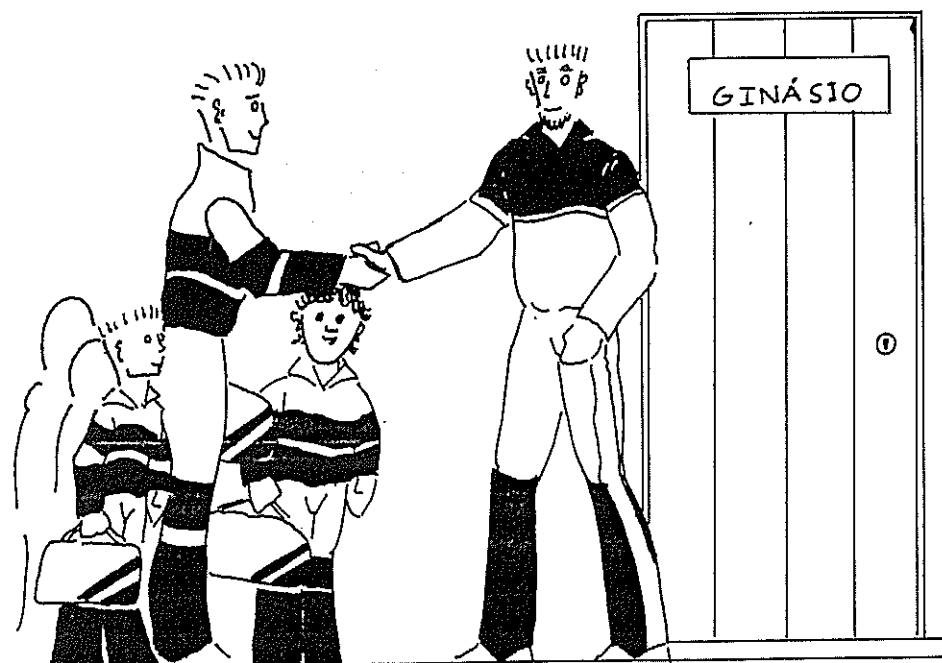


A receptividade e a discrição devem, em nossa opinião, presidir às relações com os representantes da Imprensa Local, da Rádio Local e da Imprensa Desportiva que, é preciso entendê-lo, cumprem o seu dever de informar o público. Ainda neste âmbito, as opiniões do Monitor devem ser coerentes com os princípios da ética desportiva, mormente quando dizem respeito aos intervenientes nas competições — atletas, árbitros, técnicos ou dirigentes.

A apreciação crítica do Monitor relativamente ao que se lê, vê e ouve na Comunicação Social, seja ou não feita na presença dos jovens atletas com quem trabalha, deverá ter em conta as suas responsabilidades de formador e os reflexos possíveis sobre os jovens.

A avaliação feita é importante para os jovens atletas, porque todos eles querem saber a «opinião do seu monitor» sobre as coisas que se passam na modalidade que praticam e, muito em especial, sobre as situações em que foram intérpretes ou testemunhas. Por isto, a opinião transmitida aos

verificados na competição desportiva dos adultos e que, frequentemente, são vistos como modelos a copiar e apoiados por técnicos, dirigentes e acompanhantes das competições entre jovens. Será um papel difícil de desempenhar mas se não fôr assim, não haverá formação desportiva nem o Monitor será digno de exercer a função que dele se espera.



(4) — **O relacionamento com os elementos das equipas de arbitragem** exige do Monitor um grande autodomínio das suas reacções e atitudes para com os juízes visto que, ele-próprio, se sente envolvido nas decisões tomadas pelos árbitros. Todas as manifestações de conduta e todas as formas de relacionamento do Monitor com os juízes desportivos deverão obedecer às normas do espírito desportivo e respeitar os limites regulamentares em que cada um exerce as respectivas funções. Certo é que o Monitor não pode alhear-se da arbitragem na medida em que lhe cumpre ensinar a sua modalidade no estrito respeito pelos regulamentos, regras e espírito desportivo, bem como explicar as decisões dos juízes aos jovens praticantes.

Não quer isto dizer que lhe assista o direito de interferir no trabalho dos juízes, manifestando a sua discordância com as decisões da equipa de arbitragem de uma forma anti-desportiva, ostensiva, truculenta ou incorrecta. Não senhor!

**Ao Monitor exige-se, uma vez mais e aqui em particular, que seja um modelo de comportamento exemplar para os jovens atletas.** O Monitor deve ser o primeiro a compreender as dificuldades da tarefa dos juízes desportivos e a mostrar compreensão para as suas decisões. A formação desportiva das crianças e dos jovens não dispensa a competição. Para que a competição contribua de facto para a valorização individual e para a formação desportivo-educativa é indispensável que tenha lugar num clima de relacionamento positivo, de serenidade, criador de confiança e de oportunidades de afirmação pessoal. Esse clima de confiança depende sem dúvida da actuação do binário Monitor-Árbitro. Ao Monitor cabe cumprir bem o desempenho da sua parte, ganhando legitimidade para exigir que os juízes desportivos cumpram a deles.

representantes da Comunicação Social tem de ser isenta, clara e justa, sem ferir a dignidade dos intervenientes na acção ou na situação que estiver em causa. No mais, o Monitor deverá observar uma conduta correcta em todo o relacionamento com a Comunicação Social.

**(7) — O relacionamento com os espectadores,** apenas em condições excepcionais ou em situações de emergência surge como uma efectiva preocupação do Monitor.

De uma maneira geral, o Monitor não tem que desencadear qualquer forma concreta de relacionamento com os espectadores porquanto a presença destes só se verifica durante as competições. Ora, no decurso da competição a primeira obrigação do Monitor é orientar, dirigir e apoiar a participação competitiva das crianças e dos jovens e não, de modo algum, estabelecer relacionamento com os espectadores. Mesmo em situações de provocação (que acontecem lamentavelmente) cumpre ao Monitor fazer todos os esforços para deixar sem resposta essa provocação para se concentrar na sua missão.

Por tudo o que se entendeu abranger sobre o relacionamento do Monitor com os intervenientes na prática desportiva não é descabido concluir que a sua função — quando assumida com entusiasmo, gosto e empenhamento na formação desportiva, é indubitavelmente das mais decisivas para o desenvolvimento do desporto.



## O MONITOR DEVE LEMBRAR-SE QUE:

- a actividade física e desportiva das crianças e jovens não pode deixar de ser determinada por objectivos de ordem educativa e formativa.
- orientar a prática desportiva dos jovens é antes do mais assumir a responsabilidade de contribuir para o seu desenvolvimento e não para, através dela, alcançar objectivos de promoção pessoal.
- ser monitor é mais do que o mero exercício de ensino das técnicas da modalidade; é assumir a responsabilidade pelo início da formação desportiva dos jovens.
- ser monitor é gostar da prática desportiva, gostar de ensinar e de estar em contacto com os jovens, acreditar no valor formativo do desporto.
- a actuação do monitor não se limita a um discurso, antes se caracteriza com uma actuação pelo exemplo.
- as crianças e os jovens são excelentes observadores; o exemplo que o monitor transmite é permanentemente comparado com os seus conselhos.
- as crianças e os jovens esperam que, em toda as situações, o seu monitor assuma a atitude certa e encontre sempre a solução correcta. É preciso não os desiludir!
- estando vocacionado para intervir na actividade desportiva do jovem, é fundamental dar o relevo adequado ao seu relacionamento com os pais dos praticantes.
- existem princípios de actuação que é fundamental respeitar:
  - a aceitação e cumprimento dos regulamentos
  - o respeito pela personalidade e pela saúde dos praticantes
  - a honestidade, a lealdade e a limpidez de processos
  - a imparcialidade dos julgamentos
  - a igualdade de tratamento e de oportunidades concedidas aos jovens por si orientados
  - a cooperação, a amizade e o companheirismo entre todos os participantes na actividade desportiva.